

Brevíssima apresentação da *Brevis Designatio* de Leibniz

Olga Pombo
(CFCUL)
opombo@fc.ul.pt

Este *dossier* oferece a primeira tradução em língua portuguesa de um importante texto de Leibniz: *Brevis designatio meditationum de originibus gentium ductis potissimum ex indicio linguarum*. Escrito em 1710, este texto faz parte de um conjunto de estudos que Leibniz dedicou às línguas naturais, nomeadamente, a *Dissertatio de Stylo Philosophico Nizolii* de 1670, a *Exhortation aux Allemands d'avoir à perfectionner leur Entendement et leur Langue, accompagnée de la proposition d'une Société en faveur de l'identité Allemande* (1679), as *Considérations Inattendues sur l'Usage et l'Amélioration de la Langue Allemande* (1679), o livro III de os *Nouveaux Essais sur l'Entendement Humain* (1703-4), e três textos tardios: a *Brevis Designatio*, de 1710, a *Epistolaris de Historica Etymologica Dissertatio* (1711-1712), e as *Unvorgreifliche Gedancken, betreffend die Ausubung und Verbesserung der Teutschen Sprache*, publicadas por Eccard em 1717, logo depois da morte de Leibniz.

Embora elaborados com distintos propósitos, estes textos estão todos atravessados, de forma directa ou por um caminho mais longo, por uma similar aspiração: compreender o passado das línguas naturais, a sua origem, as suas transformações e filiações, as relações históricas que as diversas línguas mantêm entre si; analisar as qualidades da língua alemã que, no século XVII, se encontrava impreparada para a discussão e exposição das ideias; comparar as suas determinações face às outras línguas europeias; identificar as características particulares que dela um meio especialmente apto para a reflexão filosófica e defender a necessidade do seu aperfeiçoamento, numa palavra, fundamentar a tese da superioridade da língua alemã.

Tal vai implicar uma dupla tarefa à qual Leibniz dedicará incansáveis e prolongados esforços ao longo de décadas. Em primeiro lugar, a análise dos

resultados das inúmeras investigações linguísticas, anteriores e suas contemporâneas, levadas a cabo por gramáticos, etimologistas, filólogos, estilistas, teólogos e filósofos. E isto tanto no que diz respeito aos trabalhos mais especulativos – em Leibniz cruzam-se a reflexão teológica em torno da problemática da língua adâmica (Bibliander, Postel, ou Benito Pereira), a doutrina paracelsiana das *signatura*, as primeiras tentativas de explicação naturalista dos fenómenos linguísticos que têm lugar no século XVI (fundamentalmente Cardan, Ambroise Paré ou Joubert), e a teoria da *Natursprache* de Jacob Böhme (1575-1624), esse primeiro grande filósofo alemão como diz Hegel – como àqueles outros trabalhos que, no tempo de Leibniz, e já com intuições claramente comparativistas, se realizam em torno da elaboração de gramáticas e dicionários, maioritariamente multilingues¹, do estudo das etimologias, da classificação tipológica das línguas e da recolha empírica de dados sobre a diversidade das línguas. Entre todos aqueles estudos que a imensa erudição de Leibniz consegue abranger, alguns dos quais realizados por seus correspondentes directos (veja-se o caso de Hiob Ludolf (1624-1704) ou Sparvenfeld (1655-1727)) e outros explicitamente referidos na *Brevis Designatio* (por exemplo, os célebres orientalistas Adrianus Relandus (1676-1718) e Andreas Acoluth (1654-1704)), valerá a pena destacar os nomes de cinco filólogos cujas obras são especialmente relevantes: Justus Georg Schottel (1612-1676) que, em *Ausführliche Arbeit von der Teutschen Haubt-Sprache* de 1663, sugere a directa filiação do Alemão em relação à língua adâmica; Daniel Georg Morhofen (1639-1691) que, em *Unterricht von der Teutschen Sprache und Poesie*, de 1682, defende igualmente a antiguidade do Germânico; e, sobretudo, as obras de Johan Clauberg (1622-1665), *Collectanea Linguae Teutonicae*, de 1663, Gerardus Meierus (1646-1708), *Glossarium Linguae Saxonicae* e Johan Schilter (1632-1705), autor de um monumental *Thesaurus Antiquitatum Teutonicarum*, postumamente publicado.

Em segundo lugar, o desenvolvimento por Leibniz de vastas investigações etimológicas, filológicas, históricas e comparativistas visando compreender a origem, a história, as transformações e filiações das diversas línguas, em particular do Alemão. A extensíssima correspondência de Leibniz com missionários e diplomatas espalhados pela Europa, Ásia, África e América é disso prova eloquente. Refira-se por exemplo, o caso de Bouvet (1656-1730), um dos mais importantes jesuítas das missões católicas francesas com quem Leibniz estabelece correspondência desde 1689 sobre a língua chinesa. De tal modo essa correspondência lhe parece importante

¹ É o caso do *Dictionarium* de Ambrogio de Calepino (1535-1623) que, na sua edição de Basileia de 1590, compara 11 línguas diferentes e da *Pantaglossia* de Nicholas Claudio de Peiresc (1580-1637), onde são recolhidas amostras de cerca de 40 línguas.

que Leibniz dela publica mesmo uma selecção, em 1697, que intitula *Novissima Sinica*.

É justamente neste âmbito que deve ser entendida a *Brevis Designatio*. Leibniz realiza aí um duplo movimento: estuda com detalhe as raízes históricas e as movimentações geográficas dos povos europeus com o objectivo de compreender as filiações das suas numerosas línguas e, inversamente, procura determinar a história antiga dos povos a partir do estudo das origens e transformações lexicais das suas línguas. Como escreve logo no início do texto: “visto que as origens dos povos [mais] remotos estão para além da História, as línguas, em seu lugar, são os monumentos dos [povos] antigos”.

O texto inicia-se pela apresentação de um conjunto de teses relativas à natureza essencial das diversas línguas humanas. Uma primeira tese resulta do facto de as línguas serem os “monumentos dos povos antigos”. Embora obscurecidas pelo tempo e confundidas pelas deslocações dos povos, as línguas antigas subsistem ainda hoje “nos nomes dos rios e das florestas”, os seus vestígios são reconhecíveis nas “denominações dos lugares fundados pelos homens” e, em geral, em todos os nomes dos homens. De tal modo que Leibniz não hesita em assumir como axioma que “todos os nomes os quais chamamos de próprios foram, algum dia, denominações”. Uma segunda tese diz respeito ao valor expressivo da onomatopeia. Enquanto fenómeno de reprodução fonética imitativa de sonoridades provenientes do mundo físico, ela constituiu um veículo privilegiado de acesso à compreensão dos mecanismos de sentido que operam nas diversas línguas naturais. Como Leibniz diz: “sempre que é possível penetrar até à raiz da onomatopeia, é isso que põe a descoberto a origem primeira dos vocábulos”. Procedimento este que Leibniz ilustra mediante a análise de diversos exemplos de relações directas entre o som e a ideia (veja-se o exemplo da Letra K cujo sentido, como Leibniz escreve, “nós mesmos sentimos pelo sopro que rompe [violentamente] o obstáculo”²). A terceira tese passa pela recusa explícita da origem convencional das línguas. Como Leibniz afirma, “as línguas nem surgiram *ex instituto* nem foram estabelecidas por convenção”. Ao contrário do que acontece nas línguas artificiais, por exemplo, de John Wilkins (1614-1672), cujos defeitos, noutros textos, Leibniz não se cansa de assinalar, as línguas naturais, isto é, nascidas “pouco

²Registre-se que alguns destes exemplos, em especial os relativos à letra R, são os mesmos que Platão utiliza no *Crátilo* (cf. 426c-427c).

³ Referimo-nos à língua universal apresentada por Wilkins no seu célebre *An Essay towards a real character and a philosophical language*, publicado em 1668, sob os auspícios da Royal Society. Como Leibniz escreve «As objecções de Dalgarno e Wilkins contra o verdadeiro método filosófico servem unicamente para desculpar a imperfeição dos seus ensaios e dão

a pouco conforme a ocasião”, devem a sua existência a um “ímpeto natural nascido dos homens, dos sentimentos e das paixões”. A posição naturalista de Leibniz é aqui formulada sem qualquer ambiguidade e em termos muito próximos aos usados nos *Novos Ensaios*. Aí, Leibniz falava do “instinto natural” que, por exemplo, levava “os antigos germanos, celtas e outros povos com eles apparentados” a utilizar a letra R para significar um movimento violento⁴. Ora, justamente, essas analogias “entre o som emitido (*vox*) e os sentimenos (*affectus*)”, esses isomorfismos entre sentimento e som, dão-se a ver como “vestígios amplamente disseminados das línguas antigas que subsistem nas línguas actuais”. Estas, as “novas línguas” são formações “derivadas de uma língua antiga” que se vão constituindo por “mistura” e “corrupção” de acordo com os cruzamentos e as deslocações das diversas nações.

O texto dedica-se então, longamente, à descrição das complexas linhas de filiação que articulam os povos e as línguas europeias. Leibniz apresenta, de forma desenvolvida, as suas duas hipóteses filológicas fundamentais: 1) “as línguas derivadas de uma [língua] antiga largamente difundida” podem dividir-se em duas espécies fundamentais: “as japéticas que se difundiram pela região setentrional e as aramaicas que cobrem a região meridional”; 2) a origem celto-cítica dos diferentes povos europeus. Como escreve: “Os Gauleses vêm dos Germanos, os Germanos dos Cíticos embora, como já dissemos, as línguas tenham sido modificadas pouco a pouco durante um longo período de tempo e de numerosas migrações”. Isto é, Leibniz integra-se na tradição filológica (Schreck, Boxhorn, Rudbeck) que faz da língua escandinava a origem de todas as línguas europeias, mas defende a necessidade de conjugar essa hipótese com a tese da anterioridade da língua celta (Cluverius, Schottellius). Porque “os homens da Europa vieram do Oriente seguindo, por assim dizer, o movimento do Sol, é evidente que avançaram a partir da Cítia”. Mas – acrescenta Leibniz mais adiante – “a partir dos Cíticos, eu chego aos Celtas”. Ora, os Celtas são os antepassados directos dos Germanos. Leibniz acaba assim por atribuir à língua alemã um lugar central no quadro das línguas europeias. A *Brevis Designatio* tem como resultado a identificação de um conjunto de razões históricas e filológicas nas quais Leibniz fundamenta a tese da superioridade da língua alemã.

apenas conta das dificuldades com que se defrontaram” (GP 3: 216). Para maiores desenvolvimentos sobre esta questão, cf. Pombo, *Leibniz e o Problema da Língua Universal*, Lisboa: JNICT, 1997:102-108.

⁴ «Car il semble que par un instinct naturel les anciens Germais, Celtes et autres peuples apparentés avec eux ont employé la lettre R pour signifier un mouvement violent et un bruit tel que celui de cette lettre», N.E., III, II, § 1 (GP 5: 261).

É certo que, nos outros textos referidos no ponto 1, essa superioridade é analisada por Leibniz com maior detalhe. No entanto, e para lá das variações que Leibniz vai introduzindo de texto para texto⁵, a língua alemã é invariavelmente louvada pelos dispositivos de sentido que a habitam, isto é, pela riqueza dos vestígios (adâmicos) que nela subsistem e pela naturalidade, clareza, profundidade, motivação do seu vocabulário presente.

São essas características que fazem da língua alemã um instrumento particularmente adequado ao exercício da razão. São essas características que garantem, pela sua presença, o acordo fundamental entre a Natureza e o Verbo que nas línguas naturais se opera. Características que, em última análise, decorrem da antiguidade que a *Brevis Designatio* estabelece à língua alemã.

Resta acrescentar que a intensa actividade intelectual que Leibniz dedicou ao estudo das línguas naturais, em especial o Alemão, coexiste com o projecto de construção de uma língua filosófica universal.

A nosso ver, essas duas direcções da investigação linguística de Leibniz devem ser vistas, não como opostas ou contraditórias⁶ mas, ao invés, como convergentes e complementares. Leibniz não procura constituir uma língua artificial porque parte de uma posição crítica face às línguas naturais e à sua capacidade para funcionarem como instrumento de constituição e progresso do conhecimento⁷. Pelo contrário, Leibniz tem consciência da inesgotável capacidade cognitiva das línguas naturais. Elas não são apenas “os mais antigos monumentos do género humano” como Leibniz dizia nos *Novos Ensaios* (NE III, IX, § 9), ou os “monumentos dos povos antigos” como repete na *Brevis Designatio*. Elas são também o “espelho do espírito humano” (NE III, VIII, §6), isto é, o órgão próprio das nossas capacidades cognitivas, o instrumento que permite o conhecimento do mundo. Além disso, porque motivadas, as línguas naturais (e o Alemão em particular) detêm, desde os tempos imemoriais da sua origem, uma radical abertura ao mundo. O seu poder não reside apenas no jogo ilimitado dos enunciados possíveis no interior do sistema que as constitui. Ele consiste no reenvio, tanto do sistema como dos elementos que o compõem, ao mundo em que as línguas foram criadas e que nelas se exprime. Como Leibniz diz de forma

⁵ Sobre este tema, cf. Pombo, "Leibniz, Nizolius e o estilo filosófico", in *Palavra e Esplendor do Mundo*, Lisboa: Fim de Século, 2010: 175-191.

⁶ É o caso por exemplo de Knecht, *La logique chez Leibniz. Essai sur le rationalisme baroque*. Lausanne: L'Age d'Homme, 1981.

⁷ Apesar de a posição de Leibniz sobre as línguas naturais estar marcada por algumas ambiguidades, Leibniz não está ao lado de Bacon nem de Locke mas sim no prolongamento de Hobbes. Sobre esta questão remetemos de novo para o nosso Pombo (1997), em especial p.173 e segs.

claríssima em carta a Tschirnhaus de Maio de 1678, “não devemos temer que a contemplação dos caracteres nos afaste das próprias coisas; pelo contrário, ela conduz-nos ao seu interior” (GM 4: 461).

Nesse sentido, o projecto leibniziano de constituição de uma língua filosófica universal surge, não como independente, menos ainda como contrário, mas ao invés como de algum modo dependente, ou alicerçado, na compreensão dos mecanismos responsáveis por esse poder de revelação das línguas nacionais. O objectivo último das investigações linguísticas de Leibniz seria então investigar a origem motivada das línguas naturais, examinar os mecanismos responsáveis pela naturalidade do seu vocabulário (especialmente no caso do Alemão), a estrutura profunda que subjaz às suas particularidades gramaticais (investigações sobre a Gramática Racional) e aplicar essas descobertas à construção de uma nova língua filosófica dotada de uma similar, ou ainda maior, capacidade de revelação.